

# Setor Informal e Formas de Participação na Produção: O Caso do Município de São Paulo

MARIA CRISTINA CACCIAMALI

## Introdução

É corrente na literatura sobre mercado de trabalho a afirmativa de que o Setor Informal absorve na produção urbana grande contingente de trabalhadores que retêm baixos níveis de escolaridade, de capacitação profissional e de renda relativamente aos demais trabalhadores<sup>(1)</sup>. Por outro lado, dois fatos conduzem a tomar esta assertiva com ressalvas. O primeiro procede desta mesma literatura, visto o uso pouco rigoroso e difuso deste termo<sup>(2)</sup>. O segundo provém de informações sobre salários, número de assalariados, distribuição de renda e reivindicações sindicais no País que fornecem indicações de que o recebimento de rendas relativamen-

te baixas é comum também ao assalariado. Surge, então, a questão: em que proporções se estendem as situações precárias de trabalho e as baixas remunerações entre trabalhadores do Setor Informal e assalariados?

Esta indagação é abordada em três seções. Na primeira seção expõe-se o conceito de Setor Informal que está sendo adotado, na segunda apresenta-se um conjunto de categorias analíticas construído para refletir um espectro de formas de participação dos indivíduos na produção e permitir comparações entre grupos de trabalhadores selecionados. Em seguida, na terceira seção apresentam-se alguns resultados obtidos em pesquisa de campo no Município de São Paulo, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) em janeiro de 1980, envolvendo 804 domicílios.

As informações coletadas foram objeto de dois tratamentos estatísticos. Inicialmente, as categorias analíticas formuladas foram submetidas a teste de hipótese para verificar se respondem, sintetizam, e man-

---

*A autora é professora da FEA/USP, da PUC/SP e Pesquisadora da FIPE.*

(1) MERRICK, T. (1976, p. 351); MAZUDMAR, D. (1976, p. 675); TOKMAN, V.E. & SOUZA, P.R. (1978, p. 891); CAVALCANTI, C. (1978, p. 31); CAVALCANTI, C. & DUARTE, R. (1980, p. 41-45).

(2) CACCIAMALI, M.C. (1983).

têm perfil coerente, frente a traços mais comumente utilizados para caracterizar os indivíduos que participam da produção e do mercado de trabalho. Em seguida, compararam-se características pessoais (idade, sexo e escolaridade), condições de trabalho (qualificação, horas médias trabalhadas por dia, tempo de permanência no posto de trabalho ou atividade) e níveis de renda entre trabalhadores por conta própria e assalariados. Neste último caso a pergunta que se quer responder é: será que os trabalhadores por conta própria detêm situação de trabalho e níveis de renda piores do que aqueles que são apresentados pelos trabalhadores assalariados?

Por último, sintetizam-se as principais conclusões decorrentes do enfoque e metodologia adotados.

## 1 Conceituação Adotada para o Setor Informal Urbano

A distinção analítica — Setor Informal — não pretende ter neste trabalho nem as conotações freqüentemente adotadas nas análises duais (autonomia, complementaridade, tradicional, *desprotegido* etc), nem a associação imediata com baixo nível de renda ou pobreza. A intenção é retomar a origem do conceito Setor Informal Urbano associando-o às formas de organização da produção que não têm como motor o trabalho assalariado. Entende-se que este Setor deve ser analisado:

- a. em função do processo de desenvolvimento capitalista encerrado em uma dada realidade, numa dimensão espaço-temporal específica e não no sentido genérico;
- b. como forma de organização da produção dinâmica, intersticial e subordinada que se insere e se amolda aos movimentos da produção capitalista. Sua composição e seu papel modificam-se com o padrão de expansão e reprodução capitalista e, assim, ele é continuamente deslocado e recriado, tornando-se flexível e permeável,

vel, adaptando-se às condições gerais da economia, em especial, da urbana;

- c. como sendo forma de organização da produção e de trabalho específica, com características próprias, na qual o produtor direto também é proprietário dos meios de trabalho. Isto é, o Setor Informal constituiu-se num espaço econômico possível de ser explorado por trabalhadores por conta própria.

Isto posto, acrescentam-se aos itens anteriores dois pontos. O primeiro refere-se aos movimentos da produção capitalista, o segundo às características associadas às formas de organização da produção que não são postas em marcha por meio da força de trabalho assalariada.

A produção capitalista expande-se explorando as esferas e ramos da produção que forneçam, em função do tamanho do mercado e de uma tecnologia disponível, taxa de retorno competitiva. Este movimento de expansão constitui-se, simultaneamente, em destruição de ramos da produção, de firmas capitalistas e de atividades informais. É neste sentido que as grandes empresas, ao imprimirem sua dinâmica sobre o espaço econômico, o redimensionam quantitativa e qualitativamente e recompõem as relações entre as grandes e demais firmas e entre as formas capitalistas de organização da produção e seus interstícios (atividades informais). É neste sentido, também, que é um único movimento que fortalece, mantém, cria ou destrói atividades produtivas, estejam elas organizadas sob quaisquer formas.

Dado esse enfoque, o Setor Informal guarda subordinação ao Formal, seja porque não pode avançar no terreno produtivo explorado pelas firmas capitalistas, seja porque se extingue ou se expande em espaços ainda não ocupados, abandonados, criados e recriados pela produção capitalista. Os produtores do Setor Informal desta forma têm de perceber, e adaptar-se a, este espaço econômico que lhes é permissível, bem co-

mo adaptar-se à distribuição de renda (pessoal, entre firmas e entre lucros e salários) existente. Isto terá implicações e condicionará a forma e as horas de trabalho, bem como, o nível de renda desses produtores.

As características que definem essas formas de organização da produção e de trabalho são relacionadas abaixo. Estas virão embasar a construção das categorias analíticas que refletem o Setor Informal, apresentadas na próxima seção. Sinteticamente são:

- a. o produtor direto é o possuidor dos instrumentos de trabalho e/ou de estoque de bens para realização de seu trabalho;
- b. ele emprega a si mesmo e pode lançar mão de trabalho familiar ou de ajudantes como *extensão* do seu próprio trabalho: participa diretamente da produção e conjuga essa atividade com aquelas de *gestão*;
- c. o produtor direto vende seus serviços ou mercadorias e recebe um montante de dinheiro que é utilizado, principalmente, para consumo individual e familiar e para manutenção da atividade econômica. Mesmo que o indivíduo aplique seu dinheiro com o sentido de acumular, a forma como se organiza a produção, com apoio no próprio trabalho, em geral, não lhe permite tal acumulação<sup>(3)</sup>;
- d. a atividade é dirigida pelo fluxo de renda que a mesma fornece ao trabalhador e não por uma taxa de retorno competitiva; é desta renda que se retiram os *salários* dos ajudantes que possam existir;
- e. nesta forma de produzir, não existe vínculo impessoal e meramente de mercado entre os que trabalham — entre estes encontra-se com frequência a mão-de-obra familiar;
- f. o trabalho pode ser fragmentado em tarefas, mas isso não impede ao trabalhador apreender todo o processo que origina o produto ou serviço final, processo este muitas vezes descontínuo ou intermitente, seja pelas características da atividade, pelo mercado ou em função do próprio produto<sup>(4)</sup>.
- g. ao nível mais geral, pode-se afirmar que, para os trabalhadores por conta própria, a propriedade dos instrumentos de trabalho, o conhecimento e controle do processo de trabalho, a habilidade para sua realização e a apropriação do produto lhes conferem maior domínio sobre o exercício do trabalho, quando comparados à massa de assalariados em relação a seus postos de trabalho. Em contrapartida o espaço econômico ocupado, a necessidade de adaptar-se, em geral, ao nível de produtividade média social, o tempo de trabalho, bem como as relações de mercado, refletem a subordinação das condições de trabalho e dos níveis de renda desses produtores às formas de organização da produção capitalista.

## 2. Categorias de Análise: A Classificação sob as Formas de Participação na Produção

A construção do conjunto de categorias a ser apresentado tem um duplo objetivo: descrever um espectro da forma dos indivíduos participarem da produção e permitir comparações entre grupo de trabalhadores selecionados.

---

(3) Esta é uma característica do trabalho autônomo. Contudo, produtores altamente especializados, por exemplo, profissionais liberais, podem auferir altos níveis de renda que lhes permite aumentar a acumulação pessoal; mas, dependendo da natureza da atividade, não podem ampliá-la mormente se dependerem do próprio trabalho (ou prestígio), ou se o mercado for restrito. Quando isso é possível, se transformam, em geral, em firmas capitalistas.

---

(4) O fluxo de produção é descontínuo e intermitente, por exemplo, para as atividades ligadas à construção civil, à reparação de duráveis e às atividades que recebem encomendas em determinadas épocas do ano como costureiras, joalheiros, estampadores e diversos artesãos.

## SETOR INFORMAL EM SÃO PAULO

As grandes categorias de análise, das quais se origina a classificação adotada, centram-se na captação de grupos de indivíduos delimitados inicialmente por graus de propriedade e/ou comando de meios de produção e de força de trabalho.

A propriedade de meios de produção e seu comando, assim como o comando sobre trabalhadores, definem o *proprietário*. Ao indivíduo que, desprovido de meio de produção ou instrumentos de trabalho, vende o que possui — a força de trabalho — define-se por *assalariado*. Intermediando estas duas categorias, existe o *conta própria*, que trabalha diretamente na produção, possuindo instrumentos de trabalho e ajuda ocasional ou sistemática de poucos trabalhadores ou membros da família.

A partir destes pontos constituiu-se o conjunto das categorias analíticas, que, para efeito deste estudo, descreve as formas de participação dos indivíduos na produção. Estas constam abaixo, no quadro 1.

### QUADRO 1

#### QUADRO SÍNTESE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS UTILIZADAS

---

##### PROPRIETÁRIOS E ORGANIZADORES DA PRODUÇÃO ASSALARIADOS

Operários  
Controladores na Produção de Bens  
Em Atividades de Escritório  
Controladores em Atividades Administrativas  
Em Atividades de Apoio ou Serviços  
Controladores em Atividades de Apoio ou Serviços

##### TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA Com Estabelecimento Com Ponto Fixo Sem Ponto

##### ASSALARIADO INFORMAL SERVIÇO DOMÉSTICO

---

Os critérios que conduziram à construção destas categorias analíticas estão expostos em outros estudos<sup>(5)</sup>. no entanto torna-se necessário esclarecer os critérios que conduziram à formulação das categorias *trabalhadores por conta própria e assalariados*, visto serem aqui os objetos principais de investigação e de comparações estatísticas.

### TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA

As características enunciadas anteriormente sobre as formas de organização e de trabalho que constituem o Setor Informal indicam ser esta categoria o núcleo deste Setor, para efeitos deste estudo. O trabalhador por conta própria é possuidor dos instrumentos de trabalho ou estoque de bens para realização de seu trabalho. As vezes, é possuidor apenas de sua força de trabalho sem participar como assalariado. Também pode contar com o auxílio de familiares para o exercício de atividade ou ajudante que, no entanto, são *extensão de seu próprio trabalho*.

Os elementos utilizados para construir e desagregar esta categoria foram:

- a. o produtor trabalha diretamente na produção de bens ou serviços;
- b. descrição e características do trabalho exercido e do local de trabalho;
- c. descrição do estabelecimento, caso exista;
- d. número e membros da família e número de ajudantes, que participam da atividade.

Observe-se que para diversos conjuntos de atividades passíveis de serem realizadas por

---

(5) As categorias analíticas utilizadas neste estudo foram apresentadas em CACCIAMALI, M.C. (1980b). Seu desenvolvimento e os critérios que conduziram à sua operacionalização foram apresentados paulatinamente em CACCIAMALI, M.C. (1980a); CACCIAMALI, M.C. (1982b) e CACCIAMALI, M.C. (1982a).

conta própria, a mesma atividade ou ocupação pode ser exercida sob diversas graduações e tipos de locais e meios de trabalho, o que acoplado a outros elementos influenciam os requisitos necessários, as condições de trabalho e os níveis de renda auferíveis. Uma cabelereira, por exemplo, pode exercer sua atividade em um salão, em casa ou na residência dos clientes; um vendedor ambulante pode realizar seu trabalho na rua em um local predeterminado ou deslocar-se pelas ruas ou pelas casas dos clientes. Optou-se, então, pela formação dos seguintes grupos: *conta própria com estabelecimento*, *conta própria com ponto fixo* e *conta própria sem ponto*.

#### CONTA PRÓPRIA COM ESTABELECIMENTO

Este grupo é constituído por meio dos seguintes critérios:

- a. o estabelecimento é entendido como um local separado do domicílio, ou acoplado ao domicílio, mas neste último caso *fisicamente* destinado ao trabalho;
- b. a ajuda de membros da família é computada, no caso de sociedade, como *conta própria com estabelecimento*; no caso de trabalho subordinado ao conta própria, como trabalhadores familiares com ou sem remuneração;
- c. os *ajudantes assalariados* são computados como *assalariados informais*. A ajuda no exercício da atividade deve-se caracterizar como *extensão do trabalho do conta própria na produção, sob a forma de execução*. O conta própria deve, *obrigatoriamente*, encerrar em si as atividades de produção e gestão do estabelecimento. Em caso de suspeitas de que tais atividades tenham um embrião de desagregação, entre as atividades realizadas pelos trabalhadores ajudantes (execução) e aquelas desenvolvidas pelo conta própria (somente gestão e controle sobre os ajudantes) este último é considerado na categoria *pequeno proprietário*.

Entre as atividades incluídas, destacam-se unidades varejistas, bares, lanchonetes, serviços diversos destinados às unidades de consumo (cabeleireiros, barbeiros, ourives, sapateiros, serralheiros, marceneiros), reparação de bens de consumo duráveis e de moradias, e profissões liberais (quando seus integrantes são não-proprietários nos termos da definição acima e não-assalariados).

#### CONTA PRÓPRIA COM PONTO

Os critérios neste caso são:

- a. ponto é um local físico no domicílio ou fora do domicílio destinado regularmente ao trabalho;
- b. os critérios que caracterizam a ajuda como extensão do trabalho do produtor são os mesmos utilizados para o grupo anterior, contudo, nesta categoria, em geral, predomina o trabalho familiar.

Destacam-se, entre os trabalhos exercidos, vendedores em geral e ambulantes com ponto fixo, reparadores em geral, costureiras, alfaiates, manicures, feirantes, corretores de imóveis, jornaleiros, tapeceiros, joalheiros etc.

#### CONTA PRÓPRIA SEM PONTO

Este é o conjunto de trabalhadores que não detêm nem ponto, nem estabelecimento e dificilmente contam com ajudantes<sup>(6)</sup> Aqui, destacam-se vendedores, reparadores de duráveis e, em geral, fornecedores de serviços destinados às unidades de consumo e aos indivíduos, por exemplo, costureiras, manicures, motoristas de táxi e de furgões, pedreiros, pintores etc<sup>(7)</sup>.

(6) Exceção feita aos **contas próprias** que se ocupam em atividades de reparação e construção de moradias.

(7) Os motoristas de táxi e furgões, a rigor, também poderiam ser considerados como **conta própria com ponto**, considerando-se como ponto o próprio instrumento de trabalho.

## SETOR INFORMAL EM SÃO PAULO

Destaca-se, novamente, que o critério que desagrega a categoria *Conta Própria* é o tipo de local onde se exerce a atividade e não a atividade em si. Desta maneira, uma só atividade, por exemplo reparador de duráveis, pode inserir-se em qualquer uma das subcategorias acima, dependendo do tipo de local onde é exercida (com estabelecimento, com ponto ou sem ponto).

### ASSALARIADOS

Os critérios adotados para categorizar assalariados foram ramo da produção, local de trabalho e ocupação. Inicialmente, separam-se os assalariados em firmas, dos demais, e em segundo lugar são desagregados pelo local do posto de trabalho. Se o assalariado está situado na produção direta de bens, define-se como operário e, no interior desta delimitação, se o trabalhador exercer supervisão e controle sobre os subordinados define-se como controlador na produção. Separam-se, desta forma, os operários e controladores na produção de bens de outros assalariados ligados a outros postos de trabalho na indústria de transformação e nos demais ramos da produção.

Os assalariados, que não estão diretamente ligados à produção de bens são subdivididos pelo local do posto de trabalho em dois grupos: trabalhadores em escritórios e trabalhadores em atividades de apoio ou de serviços.

O primeiro grupo é composto pelos assalariados em postos de trabalho que se situam nas atividades administrativas da firma e constituem ramificações do comando sobre o processo produtivo, por exemplo, almoxarifado, secretárias, escriturários, calculistas, técnicos de administração, de contabilidade etc. Decompõem-se estes postos pela existência ou não de atividade de controle e distribuem-se em todos os ramos da produção.

O segundo grupo é formado pelos assalariados em postos de trabalho que:

- a. constituem apoio às atividades de produção e/ou administração no interior da firma independentemente do ramo de produção, por exemplo, vendedores, motoristas, faxineiros, copeiros etc.; ou
- b. produzem serviços e, simultaneamente, não estão em trabalhos de escritórios nos ramos da produção do Setor Serviços, por exemplo, professores, balconistas, enfermeiros, motoristas de táxi, de ônibus etc. Decompõem-se, finalmente, pela existência de postos de controle.

Obtêm-se, então, os seguintes grupos, que, operacionalmente, constituem as formas de participação dos assalariados em firmas:

- *Operários;*
- *Controladores na produção de bens;*
- *Assalariados em atividades de escritório ou administrativos;*
- *Controladores em atividades administrativas;*
- *Assalariados em atividades de apoio ou serviços;*
- *Controladores em atividades de apoio ou serviços.*

Os assalariados pelo Estado são considerados sob a denominação de *assalariados estatais* categorizados de acordo com esses mesmos critérios e desagregados segundo sua vinculação a empresas estatais, administração pública (municipal, estadual, federal) ou serviços de educação ou saúde. Os assalariados em associações civis e religiosas (sindicatos, associações patronais, religiosas etc.) são tratados separadamente e também obedecem à mesma categorização adotada para os assalariados em firmas.

A rigor, cada uma das categorias analíticas apresentadas deve ser desagregada em subcategorias que envolvam conjuntos de ocupações. Esses conjuntos devem ser criados levando em conta o grau de especialização e a origem e evolução da ocupação, suas relações com o desenvolvimento da produção e dos mercados. Por exemplo:

entre operários e assalariados em atividades de serviços caberia uma desagregação entre ocupações criadas em processos de trabalho recentes ligados à introdução do uso de computadores; os profissionais liberais, enquadrados aqui na categoria *conta própria com estabelecimento*, devido à origem e evolução das ocupações, bem como aos requisitos legais para exercê-las mereciam uma subcategoria. Esta etapa no desenvolvimento das categorias não foi realizada neste estudo, no entanto este fato esteve sempre presente na interpretação das evidências empíricas que serão apresentadas.

### 3. Trabalhadores Assalariados e Autônomos: Hierarquia e Comparações

#### RAMOS DA PRODUÇÃO E FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DOS TRABALHADORES AMOSTRADOS<sup>(8)</sup>

Os indivíduos que participam da produção do Município de São Paulo<sup>(9)</sup> — exceto desempregados — repartem-se pelos ramos da produção da seguinte forma (ver tabela 1): quase dois terços na indústria, serviços de produção e comércio e serviços sociais; 20%

(8) O cadastro de endereços utilizado para a coleta primária dos dados se constitui em subamostra do cadastro constituído pela EMPLASA para a pesquisa Origem-Destino, realizada em 1977. A seleção desta subamostra foi aleatória e proporcional à estratificação, existente por zona urbana e padrão arquitetônico do domicílio, no cadastro original.

(9) Excluindo da população total as crianças até 9 anos inclusive, as taxas de participação na produção para homens, mulheres e total são respectivamente 70%, 37% e 52%. Este perfil não difere para o total de participação urbana do País (PNAD, 1978), alterando-se contudo quando se desagregam os dados por sexo e faixa etária. O Município de São Paulo, frente ao Brasil Urbano revela: menor participação na produção de jovens até 14 anos e adultos com mais de 60 anos e maior participação de mulheres na produção, exceto nas faixas etárias até 14 anos.

em serviços destinados às unidades de consumo e aos indivíduos (inclusive empregados domésticos) ou de uso misto (se destinam a indivíduos ou famílias) e 4% em serviços de reparação.

Quer se destacar dois elementos entre as informações que estão sendo apresentadas. O primeiro refere-se à concentração relativa por sexo em determinados ramos e formas de participação na produção. O segundo diz respeito à relação entre total de trabalhadores assalariados e total de trabalhadores por conta própria.

Observa-se que os serviços de reparação e a indústria de construção civil são ocupados quase exclusivamente pelos homens e o serviço doméstico tem caráter eminentemente feminino. Entre estes extremos, desagregando-se parcialmente os ramos, visualiza-se uma relativa concentração por sexo em determinados ramos, quando comparados à participação total de homens e mulheres (ver tabela 1). Assim:

- a. os indivíduos do sexo masculino predominam nas indústrias de bens de produção, nos serviços de infra-estrutura físico-urbana, nos transportes, no comércio atacadista e em outros serviços auxiliares da atividade econômica;
- b. os indivíduos do sexo feminino predominam mais freqüentemente nos serviços de educação, saúde, nas associações civis e religiosas e nos serviços destinados às unidades de consumo ou indivíduos;
- c. ramos de atividades mais favoráveis à absorção de mulheres — administração pública, indústria de bens de consumo, comércio varejista e bancos;
- d. atividades favoráveis à absorção de homens — comunicações, outras entidades financeiras e serviços de uso misto.

A distribuição entre homens e mulheres por forma de participação é apresentada na

SETOR INFORMAL EM SÃO PAULO

TABELA 1  
PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO POR RAMO E SEXO DOS INDIVÍDUOS EFETIVAMENTE  
TRABALHANDO — MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (1980)

Ramo de Atividade	Sexo			
	H (%)	M (%)	T (%)	H/T (%)
<b>Indústria</b>				
Bens de Consumo	16,1	21,7	18,2	56
Bens de Produção	21,3	7,4	16,1	83
Subtotal	37,4	29,2	34,4	86
Construção Civil	4,6	0,6	3,1	93
Subtotal Indústria	42,1	29,8	37,5	70
<b>Serviços</b>				
Serviços de Produção				
Infra-Estrutura Físico-Urbana	1,3	0,21	0,9	92
Transportes	5,7	0,83	3,9	92
Comunicações	1,2	0,83	1,1	71
Bancos	4,0	5,38	4,5	56
Outras Inst. Financeiras	1,3	1,0	1,2	69
Auxiliares de Atividades Econômicas	3,2	1,0	2,4	84
Subtotal	16,9	9,3	14,1	75
<b>Comércio</b>				
Atacadista	2,1	0,8	1,6	81
Varejista	11,0	10,3	10,8	64
Subtotal	13,1	11,2	12,4	66
<b>Serviços Sociais</b>				
Administração Pública	3,9	5,0	4,3	57
Educação e Saúde	2,3	10,3	5,3	28
Associações Cívicas e Religiosas	1,0	2,7	1,6	38
Subtotal	7,2	18,0	11,2	40
<b>Serviços de Reparação</b>				
Construção Civil	3,7	—	2,3	100
Duráveis e Máquinas	3,0	0,2	2,0	96
<b>Outros Serviços</b>				
Serviços Destinados à Unid. de Consu. e ou Indiv.	3,5	9,3	5,7	39
Serviço Doméstico	0,0	13,3	5,0	2
Serviço de Uso Misto	9,9	8,1	9,2	68
Subtotal	13,6	30,6	19,9	43
Subtotal Serviços	57,5	69,4	61,9	67
Agrícola	0,2	0,2	0,2	—
NR/NS	0,2	0,6	0,4	—
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>63</b>
	(818)	(483)	(1.301)	

Fonte: CACCIAMALI, M.C. (1983b).

TABELA 2  
FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DOS INDIVÍDUOS EFETIVAMENTE  
TRABALHANDO, POR SEXO, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
(1980)

Formas de Participação	Sexo			
	H (%)	M (%)	T (%)	H/T (%)
Operários	19	16	18	67
Assalariado Fora da Transformação Direta	37	43	39	59
Escritório	13	17	15	56
Serviços	19	17	18	66
Total	56	59	57	61
Controlador na Transformação Direta	2	1	2	86
Controlador Fora da Transformação Direta	6	3	5	76
Total Assalariados	65	63	64	63
Conta própria com Estabelecimento	8	8	7	82
Conta própria com Ponto Fixo	2	8	5	34
Conta própria sem Ponto Fixo	8	2	6	89
Total Contas Próprias	19	13	16	71
Assalariado Informal	4	5	4	58
Serviço Doméstico	0	13	5	2
Total Trabalhadores	87	94	90	61
Organizadores da Produção e Proprietários	9	2	6	89
Outros	4	4	4	63
Total	100,00 (818)	100,00 (483)	100,00 (1.301)	63

Fonte: Vide tabela 1.

tabela 2 e também revela, como a tabela anterior, concentração relativa por sexo em determinadas formas de participação. Observa-se aqui:

- a. os homens predominam entre os assalariados na construção civil, enquanto as mulheres constituem maioria nos serviços domésticos;
- b. são formas favoráveis à participação masculina: proprietários, organizadores da produção, controladores, operários em grandes firmas, trabalhadores por conta própria com estabelecimento e sem ponto; e à participação feminina, assalariados na administração pública sem posto de chefia, conta própria com ponto, assalariados em escritório, assalariados informais e trabalhado-

res familiares; enquanto operários em pequenas firmas, assalariados em serviços ou em atividades de apoio são indiferentes à desagregação por sexo.

Em síntese, o padrão de concentração relativa por sexo verificado nas tabelas 1 e 2 mostra que os homens distribuem-se em maior proporção nos ramos *nobres* da economia (indústria, serviços de produção e comércio) e nas formas de participação de maior nível hierárquico, e as mulheres nos demais.

Quanto ao segundo elemento observou-se que no Município de São Paulo existem 26 trabalhadores autônomos para cada 100 assalariados e esta relação ascende a 40 quando são incorporados aos primeiros autônomos seus ajudantes (assalariados informais).

TABELA 3  
 RELAÇÃO ENTRE TRABALHADORES ASSALARIADOS E AUTÔNOMOS POR RAMO DA PRODUÇÃO

Ramo de Atividade	N.o de Autônomos para cada 100 Assalariados					
	Homens		Mulheres		Total	
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
Indústria de Transformação	2	4	2	5	2	4
Indústria de Construção Civil	6	—	—	—	5	—
Serviços de Produção	21	23	—	—	15	17
Comércio	118	147	48	83	88	121
Serviços Destinados às Unidades de Consumo e aos Indivíduos	2.200	2.400	2.000	2.050	2.067	2.167
Serviços Domésticos	—	—	—	—	—	—
Serviços Mistos	58	68	35	—	49	67
Serviços de Construção Civil	1.300	—	—	—	1.300	—
Serviços de Reparação de Duráveis e Máquinas	75	108	—	—	75	108
Serviços Sociais	—	—	—	—	—	—
Educação e Saúde	45	—	—	14	9	21
Total	29	35	21	49	26	40

Obs.: Coluna (1): total de trabalhadores por conta própria: com estabelecimento, com ponto e sem ponto.

Coluna (2): trabalhadores por conta própria e assalariados informais.

Fonte: Vide tabela 1.

Os autônomos ocupam primordialmente os ramos do setor serviços destinados às unidades de consumo e aos indivíduos ou mistos (44%), o comércio (24%), de reparação (16%) e de produção (10%). Mais uma vez, os homens são maioria entre os autônomos, cabendo às mulheres, primordialmente (63%), os serviços destinados às unidades de consumo e aos indivíduos.

Tomando-se como base de comparação a proporção de 100 assalariados relativamente ao número de autônomos verifica-se quais são os principais ramos da produção ocupados por estes últimos: os serviços destinados às unidades de consumo e aos indivíduos (100:2.067) e os de reparação na construção civil (100:1.300) são ramos que estão majoritariamente ocupados por autônomos; comércio (100:88), os serviços de reparação de duráveis e máquinas (100:75) e aqueles de consumo misto (100:49) apresentam uma situação mais equilibrada, en-

quanto os serviços de produção (100:15) e de educação e saúde (100: 9) apresentam pouca magnitude e a indústria de transformação (100: 2) penetração desprezível por parte de autônomos<sup>(10)</sup>.

Este quadro pouco se altera por sexo; no entanto, deve-se ressaltar que os autônomos, homens, ocupam o comércio majorita-

(10) PRANDI, J. R. (1978). Este estudo apresenta um perfil da distribuição de trabalhadores por conta própria, por ramo de atividade na cidade de Salvador em 1971 bastante semelhante àquela apresentada aqui para São Paulo. Alteram-se principalmente entre essas duas cidades a proporção de trabalhadores por conta própria na produção de mercadorias e construção civil, maiores para a cidade de Salvador. Além do espaço de tempo entre as duas coletas de informações, o grau de desenvolvimento e a diversificação das atividades econômicas entre essas duas cidades devem estar colaborando para essas alterações. Vejam-se p. 110 e seguintes.

riamente e que os serviços mistos, de educação e de saúde são favoráveis à sua absorção (ver tabela 3).

#### HIERARQUIZAÇÃO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS: UMA APLICAÇÃO DO COEFICIENTE DE CONCORDÂNCIA DE KENDALL

As categorias analíticas formuladas para este estudo podem ser entendidas como uma taxonomia estabelecida dentro da produção e do mercado de trabalho, voltada para a classificação dos indivíduos segundo formas de participação. Ora, usualmente analisam-se esses indivíduos segundo algumas características: idade, escolaridade, estabilidade, renda etc. Quando se estabelece uma taxonomia dentro do mercado de trabalho, o que se espera é que essa conduza a categorias que consigam sintetizar algumas dessas características. Se isso não acontecesse, a relevância da utilização da categoria seria discutível. Assim, quando fosse mencionada, por exemplo, a categoria *conta própria com estabelecimento*, não se teria uma idéia muito clara das características dos indivíduos assim agrupados, a menos que as variáveis que caracterizam essa categoria se compusessem coerentemente a ponto de distingui-la das demais.

Nessas condições, decidiu-se submeter-se a teste a seguinte questão: em que medida as categorias formuladas sintetizam os traços mais comumente utilizados para caracterizar os indivíduos, de tal modo que ao mencionar-se essas categorias obtenha-se uma idéia coerente de suas características em face das demais? Essa noção de coerência vem do conhecimento já estabelecido a respeito dos indivíduos que participam da produção e do mercado de trabalho. Sabe-se, por exemplo, que a um baixo nível de renda estão associados, de um modo geral, características tais como baixo nível de escolaridade, qualificação e uma menor idade. Se fossem criadas categorias que violassem esse tipo de associação, ou fossem indeterminadas na sintetização dessas características, seria discutível a sua utilidade descritti-

va e analítica. Por exemplo, qual a utilidade de criar-se uma categoria tal como *indivíduos que almoçam entre 12 e 14 horas ou que trabalham usando as mãos?*

A operacionalização do teste consistiu em selecionar inicialmente algumas características consideradas relevantes: idade, sexo, escolaridade, qualificação, horas médias trabalhadas, tempo de permanência no posto de trabalho ou atividade, e renda. Numa segunda etapa, cada categoria formulada recebeu uma avaliação dentro de cada uma dessas características, por meio de sua posição relativamente às demais, avaliada segundo uma hierarquia de postos. Por exemplo: se houvesse apenas duas categorias, A e B, e se a categoria A apresentasse média de idade inferior à categoria B, a primeira receberia o posto 1 e a segunda o posto 2. Caso a categoria A recebesse também o mesmo posto nas demais características, apresentando menor proporção de homens, escolaridade, qualificação, horas médias trabalhadas por dia, tempo de permanência e renda, a concordância entre essas ordenações de postos seria perfeita e a categorização adotada estaria sintetizando no total e individualmente todas as características utilizadas.

Na realidade, entretanto, não se pode esperar essa perfeita concordância entre os postos assumidos pelas várias categorias dentro de cada característica utilizada. A questão que se coloca é a de estabelecer a significância estatística de determinado nível de concordância encontrado, dentro de um teste a que é submetida a hipótese de total ausência de concordância.

Assim sendo, numa terceira etapa do procedimento há que utilizar um teste estatístico adequado, tendo sido aplicado o teste de coeficiente de concordância de Kendall (*W*).

Esse coeficiente é definido como<sup>(11)</sup>:

---

(11) SIEGEL, S. (1981, p. 258-68).

$$W = \frac{S}{\frac{1}{12} K^2 (N^3 - N) - K \Sigma T}$$

em que  $S$  = variância entre as somas de indicadores hierarquizados;  
 $K$  = número de indicadores selecionados;  
 $N$  = número de categorias analíticas;  
 $K \Sigma T$  = correção no caso de existir empate de postos por indicadores, onde:

$$\Sigma T = \frac{1}{12} (t^3_i = t_i)$$

$t$  = número de empates.

Mais especificamente, as categorias analíticas adotadas para o teste são: *operários, assalariados em escritório, assalariados em atividades de serviços ou apoio, controladores na transformação direta, controladores fora da transformação direta, contas próprias com estabelecimento, contas próprias com ponto fixo, contas próprias sem ponto, assalariados informais, serviço doméstico e organizadores da produção e proprietários*. Os indicadores selecionados e hierarquizados por postos para cada categoria analítica são: proporção de mulheres, idade média, proporção de escolaridade precária, (abaixo do ginásio completo) grau de desqualificação, horas médias trabalhadas por dia, proporção de trabalhadores com tempo de permanência no local de trabalho ou atividade maior ou igual a 5 anos, e renda média auferida.

A distribuição dos postos mostra que as categorias *organizadores da produção e proprietários, controladores e contas próprias com estabelecimento*<sup>(12)</sup>, *contas próprias*

(12) Observa-se que a inclusão neste grupo dos profissionais liberais por conta própria e com estabelecimento não altera a ordenação dos postos obtidos.

*sem ponto* para homens e *com ponto* para mulheres apresentam somatória de postos superiores à média geral, enquanto as categorias que representam os *assalariados* (operários, escritório e serviços), os *assalariados informais* e o *serviço doméstico* se situam abaixo na média de postos. Esta ordenação por si só indica que as categorias analíticas podem ser hierarquizadas em sentido decrescente e associadas a indicadores que aqui representam requisitos, condições de trabalho e níveis de renda também ordenados no mesmo sentido, ou seja, dos mais altos níveis para os mais baixos (ver tabela 4).

O teste de Kendall foi realizado desagregando-se as informações por sexo e estas demonstraram-se significantes a 1%, exceto quando se introduz o indicador horas médias trabalhadas. Este teste mostra a relevância descritiva da taxonomia adotada (ver tabela 5).

Quer se destacar duas conclusões. A primeira refere-se ao fato de que as categorias que representam os trabalhadores por conta própria — núcleo do Setor Informal neste estudo — não se apresentam desprivilegiadas, entre as demais categorias dispostas em ordem hierárquica, em relação às variáveis consideradas.

O segundo destaque é que entre todas as categorias, o *serviço doméstico*, os *operários* e os *assalariados informais* são aquelas que compõem o grupo situado na hierarquia inferior desse conjunto, pois apresentam soma de postos abaixo da média geral. Destaca-se ainda que para os homens as duas últimas categorias citadas detêm idêntica soma de postos e para as mulheres a soma de postos para a categoria *operários* é inferior àquela obtida para *serviço doméstico*.

Cabe, ainda, ressaltar aqui algumas peculiaridades referentes aos operários. Inicialmente, é nesta forma de participação na produção que se concentra a maior parte dos trabalhadores (20%); em segundo lugar

TABELA 4A  
FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO POR INDICADORES  
SELECIONADOS, HIERARQUIZADOS POR POSTOS E SEXO  
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
JANEIRO, 1980 TOTAL

Categorias	Nº de Mulheres		Idade Média		Escolaridade Precária		Desqualificação		Horas Médias		Tempo de Permanência > 5 anos		Renda Média (Cr\$1.000,0)		
	(%)	P	I	P	(%)	P	(%)	P	H	P	(%)	P	R	P	
Operários	32,9	6	30,1	3	37,6	2	73,1	2	9,3	4	18,8	3	7,4	2	
Escritório	43,5	3	27,4	1	2,1	10	51,3	6	8,3	7	21,2	4	13,5	7	
Serviços	34,5	5	32,4	4	22,6	6	57,9	5	8,3	7	22,1	5	12,0	6	
Controlador na Transformação Direta	13,6	9	39,9	7	9,1	8		8	9,4	3	40,9	8	21,8	8	
Controlador Fora da Transformação Direta	23,8	7	37,4	6	1,5	11		9	8,6	6	43,3	10	29,9	10	
Conta Própria com Estabelecimento	17,9	8	41,6	9	11,9	7		10	10,1	1	35,7	6	28,0	9	
Conta Própria com Ponto Fixo	66,1	2	41,4	8	30,5	4		62,7	4	7,5	9	39,0	7	8,6	4
Conta Própria sem Ponto Fixo	11,1	11	42,0	9	36,1	3		44,4	7	8,4	8	43,1	9	11,4	5
Assalariado Informal	41,5	4	28,8	2	22,6	5		67,9	3	8,4	8	15,1	2	7,5	3
Serviço Doméstico	98,5	1	35,6	5	44,6	1		1	9,2	5	13,8	1	3,8	1	
Organizador na Produção e Proprietário	11,3	10	44,0	10	2,5	9		11	9,5	2	48,7	11	55,8	11	

Obs: As categorias *Controlador*, *Conta Própria com Estabelecimento*, *Organizador e Proprietário* não detêm a característica *desqualificação*. Entende-se que outros atributos além da qualificação *stricto sensu* lhe são inerentes. A gradação de postos foi intencional.

Fonte: vide tabela 1.

TABELA 4B  
FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO POR INDICADORES  
SELECIONADOS HIERARQUIZADOS POR POSTOS E SEXO  
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
JANEIRO, 1980  
HOMENS

Categorias	Idade Média		Escolaridade Precária		Desqualificação		Horas Médias		Tempo de Permanência > 5 anos		Renda Média (Cr\$1000,00)	
	I	P	(%)	P	(%)	P	H	P	(%)	P	R	P
Operários	32,1	4	40,8	1	65,0	2	9,4	3	21,6	4	8,7	2
Escritório	28,4	2	0,9	10	49,5	5	8,2	9	19,3	3	18,8	6
Serviços	31,9	3	23,4	5	57,1	4	9,0	5	18,2	2	14,1	4
Controlador na Transformação Direta	41,8	6	10,5	7		7	9,3	4	36,8	5	23,8	7
Controlador Fora da Transformação Direta	39,3	5	2,0	9		8	8,8	6	43,1	8	34,3	9
Conta Própria com Estabelecimento	42,7	8	11,6	6		9	10,3	1	39,1	6	30,1	8
Conta Própria com Ponto Fixo	42,3	7	30,0	3	60,0	3	9,0	5	40,0	7	15,7	5
Conta Própria sem Ponto Fixo	42,9	9	37,5	2	48,4	6	8,6	7	43,7	9	11,4	3
Assalariado Informal	28,2	1	29,0	4	70,1	1	8,5	8	6,4	1	7,9	1
Organizador da Produção e Proprietário	44,5	10	2,8	8		10	9,6	2	46,8	10	57,7	10

Obs: As categorias *Controlador*, *Conta Própria com Estabelecimento*, *Organizador e Proprietário* não detêm a característica *de qualificação*. Entende-se que outros atributos além da qualificação *strictu sensu* lhe são inerentes. A gradação de postos foi intencional.

Fonte: vide tabela 1.

SETOR INFORMAL EM SÃO PAULO

TABELA 4C  
FORMAS DE PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO POR INDICADORES  
SELECIONADOS HIERARQUIZADOS POR POSTOS E SEXO  
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
JANEIRO, 1980  
MULHERES

Categorias	Idade Média		Escolaridade Precária		Desqualificação		Horas Médias		Tempo de Permanência > 5 anos		Renda Média (Cr\$1000,00)	
	T	P	(%)	P	(%)	P	H	P	(%)	P	R	P
Operários	25,9	1	31,2	2	89,6	2	9,2	3	13,0	1	4,8	2
Escritório	26,1	2	3,6	8	53,6	6	8,3	5	23,8	5	10,4	7
Serviços	33,4	6	21,0	5	59,3	5	7,1	7	17,3	3	8,2	5
Controlador na Transformação Direta	27,7	3		9		8	9,7	1	67,0	11	9,3	6
Transformador Fora da Transformação Direta	31,6	5		9		9	7,8	6	43,7	9	17,5	9
Conta Própria com Estabelecimento	36,3	8	13,3	7		10	9,6	2	20,0	4	18,3	10
Conta Própria com Pqnto Fixo	40,9	10	30,8	3	64,1	3	6,7	9	38,5	8	5,2	3
Conta Própria sem Ponto Fixo	34,6	7	25,0	4	12,5	7	6,9	8	37,5	7	11,5	8
Assalariado Informal	29,8	4	13,6	6	63,6	4	8,3	5	27,3	6	6,8	4
Serviço Doméstico	33,4	6	45,3	1		1	9,2	3	14,1	2	3,6	1
Organizador da Produção e Proprietário	39,4	9		9		11	8,9	4	66,7	10	56,0	11

Obs: As categorias *Controlador*, *Conta Própria com Estabelecimento*, *Organizador e Proprietário* não detêm a característica *desqualificação*. Entende-se que outros atributos além da qualificação *stricto sensu* lhe são inerentes. A gradação de postos foi intencional.

Fonte: vide tabela 1.

TABELA 5  
RESULTADOS DOS TESTES DE CONCORDÂNCIA

Total	(1)			(2)			(3)			(4)			(5)		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	
41,34*			35,9* 29,7*			25,0* 33*	*		28,12*			25,0* 22,9			18,5 16,8 16,4

Obs: H = Homem; M = Mulher; T = Total

Os testes foram realizados com os seguintes indicadores:

- (1) Proporção de mulheres, idade média, escolaridade precária, desqualificação, tempo de permanência > 5 anos, renda média;
- (2) Idade média, escolaridade precária, desqualificação, tempo de permanência > 5 anos, renda média;
- (3) Proporção de mulheres, idade média, escolaridade precária, desqualificação, renda média;
- (4) Idade média, escolaridade precária, desqualificação, renda média;
- (5) Idade média, escolaridade precária, desqualificação, renda média e horas médias;

Os valores de  $\chi^2_{0,01}$  são 24,7 com 11 graus de liberdade e 23,2 com 10 graus de liberdade. Os testes para homens foram realizados com 10 graus de liberdade em função da exclusão de serviços domésticos. Os resultados que são significantes são apresentados com asteriscos.

o salário é, em geral, a única fonte de renda para a sobrevivência; em terceiro lugar, estes trabalhadores estão envolvidos diretamente na produção industrial e, por último, são regidos por contrato subordinado às leis trabalhistas e ao quadro político e macroeconômico do País.

### COMPARAÇÃO ENTRE TRABALHADORES ASSALARIADOS E AUTÔNOMOS

Com o intuito de averiguar em que categorias analíticas — assalariados ou trabalhadores por conta própria — encontravam-se trabalhadores que apresentavam em geral piores requisitos para o trabalho e desprestígio em suas condições de trabalho e níveis de renda, constituiu-se um conjunto de testes de hipóteses sobre proporções. A primeira comparação é realizada entre os totais de cada um destes grandes grupos de trabalhadores, independentemente de características peculiares a cada subgrupo que os compõem. A segunda comparação seleciona duas categorias analíticas, uma para *assalariados (operários)*, outra para *contas próprias (sem estabelecimento)*, categorias essas em que os trabalhadores, pelas informações obtidas, apresentam em geral baixos requisitos e piores condições de trabalho e níveis de renda<sup>(13)</sup>. Optou-se também por esta agregação no grupo por *conta própria* pelo pequeno número de observações e pela predominância feminina entre os trabalhadores por *conta própria com ponto fixo*.

As variáveis selecionadas para a comparação são: proporção de mulheres, proporção de trabalhadores com idade menor do que 19 anos ou maior do que 50 anos, proporção de trabalhadores com escolaridade precária, proporção de trabalhadores não ou semiquificados, proporção de trabalhadores com tempo de permanência menor do que seis meses ou maior do que cinco anos, propor-

ção de trabalhadores com jornada média menor do que seis ou maior do que doze horas, proporção de trabalhadores que ganha menos de dois salários mínimos, ou ganha menos de três salários mínimos, ou ganha mais de cinco salários mínimos por mês<sup>(14)</sup>.

Efetou-se posteriormente um teste de hipótese sobre as proporções resultantes na variável considerada, a fim de verificar se estas diferem significativamente no interior da amostra<sup>(15)</sup>.

(14) Alguns esclarecimentos tornam-se necessários. Entende-se por escolaridade "precária" os níveis abaixo do 1.º grau completo (exclusive). Os níveis de qualificação reportam-se a uma classificação adotada pela autora, que teve como pontos de partida estudos do SENAI e do DIEESE. Imputou-se aos níveis de renda dos assalariados o 13.º salário proporcional ao tempo de permanência no posto de trabalho.

(15) Este teste consiste em fixar os grupos de trabalhadores a serem comparados, extrair a proporção para cada variável em estudo e posteriormente testar:

$$H_0 : P_1 = P_2 \quad (P_1 \text{ não difere significativamente de } P_2)$$

$$H_a : P_1 \neq P_2$$

A variável construída para a realização do teste é:

$$Z_c = \frac{P_1 - P_2}{sdp} = \frac{P_1 - P_2}{\sqrt{P(1-P) \left( \frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2} \right)}}$$

em que:

$$P = \frac{P_1 n_1 + P_2 n_2}{n_1 + n_2} e$$

$P_1$  = proporção da categoria analítica 1 para a variável considerada;

(13) Contas próprias sem estabelecimento agrega as categorias **trabalhadores por conta própria com ponto fixo e por conta própria sem ponto**.

SETOR INFORMAL EM SÃO PAULO

TABELA 6  
TESTES DE PROPORÇÕES  
COMPARAÇÕES ENTRE TRABALHADORES ASSALARIADOS E POR CONTA PRÓPRIA POR VARIÁVEIS SELECIONADAS

Variáveis Seleccionadas	% de Trabalhadores entre Total de						Z			% de Trabalhadores Entre						Z		
	Assalariados			Por Conta Própria			Calculado			Operários			Por Conta Própria Sem Estabelecimento			Calculado		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T	H	M	T
Sexo Feminino	-	-	37	-	-	29	-	-	1,14	-	-	33	-	-	36	-	-	0,04
Jovens (≤ 19 anos)	15	16	15	2	3	2	4,65*	3,58*	4,96*	15	32	21	2	4	4	2,95*	3,69*	4,38*
Idade:																		
Velhos (> 50 anos)	12	8	11	32	18	28	3,57*	2,60*	4,25*	11	4	9	26	19	24	3,00*	3,00*	3,75*
Escolaridade Precária (≤ Ginásio Incompleto)	21	15	19	25	26	25	0,97	2,00**	1,92**	41	31	38	36	30	34	0,75	0,11	0,76
Não e Semiquificação	50	62	55	28	42	32	5,50*	2,94*	5,75*	65	90	73	51	55	53	2,12**	4,47*	3,92*
Tempo de Permanência no Posto de Trabalho ou Atividade (até 6 meses)	14	13	14	7	8	7	2,80*	0,80	2,80**	20	17	15	11	9	10	1,76*	0,9	0,18
Mais que 3 anos	24	24	24	41	34	39	5,00*	4,25*	1,67**	22	13	19	43	38	41	3,40*	3,25*	4,58*
Horas Médias Trabalhadas por dia																		
Menos que 6 horas	4	18	10	12	34	18	2,96*	3,91*	5,58*	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mais de 12 horas	5	3	4	12	6	11	3,50*	1,15*	3,50*	6	3	7	7	2	5	0,33	0,63	0,77
Níveis de Renda em Salários Mínimos																		
Menos que 2 SM.	25	39	31	17	45	26	2,05	0,89	1,40	38	74	50	27	57	38	2,22**	1,95**	1,72**
Menos que 3 SM.	44	63	51	30	60	39	3,50*	0,43	3,00*	64	95	74	42	74	53	3,28*	3,11*	4,12*
Mais que 5 SM.	36	17	28	56	26	45	4,25*	1,80**	4,00*	15	11	32	-	-	26	3,09*	-	3,75*

Obs.: H = Homem; M = Mulher; T = Total;  
Z\* indica que o resultado é significante a 1% (2,58);  
Z\*\* indica que o resultado é significante a 5% (1,64).  
Fonte: vide tabela 1.

Os resultados dos testes realizados para as categorias analíticas e variáveis selecionadas constam na tabela 6 e as inferências que podem ser extraídas a partir da amostra utilizada são relatadas a seguir.

Não se pode afirmar, para esta amostra, que os trabalhadores por conta própria tenham atividade instável e desqualificadas e que sejam em maioria jovens e mulheres, percebendo baixos níveis de renda, quando comparados aos assalariados, nem que os trabalhadores por conta própria sem estabelecimento apresentem essas características quando comparados aos operários. No entanto, a proporção de contas próprias com idade acima de 50 anos é significativamente maior, o que pode indicar tanto a necessidade de experiência para o trabalho, como a deficiência do sistema previdenciário do País, ou que o trabalhador se torna autônomo após ter sido assalariado ou talvez ainda que, em décadas anteriores, tenha existido maior es-

paço econômico e possibilidade para se tornar por conta própria. É também maior a proporção destes trabalhadores com jornada acima de 12 horas médias diárias (em especial *contas próprias com estabelecimento*), o que em parte influencia os níveis de renda que auferem — à medida que exista demanda — e indica um maior dispêndio de número de horas médias por dia para obter esses mesmos níveis.

Com o intuito de tornar mais clara esta questão e de captar quais grupos de trabalhadores percebem os menores níveis de renda — variável que de certa forma sintetiza as demais — escalonaram-se os indivíduos por ordem crescente de renda, agregando-os, posteriormente, em decis.

Extraindo-se os 30% dos indivíduos que ganham menos — isto é, os três primeiros decis — observou-se que a renda média mensal varia entre 0,76 salário mínimo e 1,6 salário mínimo e a média desses três primeiros estratos é de 1,2 salário mínimo (US\$ 80,1) por mês no período em que se realizou a entrevista. São nestes estratos que se encontram 26% dos trabalhadores assalariados e 25% dos por conta própria. Decompondo-se o primeiro grupo, visualiza-se que este compreende 41% dos operários, 21% dos trabalhadores em escritório, 27% dos trabalhadores em atividades de

- $P_2$  = proporção da categoria analítica 2 para a variável considerada;
- $n_1$  = número de observações da categoria analítica 1;
- $n_2$  = número de observações da categoria analítica 2.

Veja-se: DOWNIE, N. M. & WEATH, R. W. (1974).

TABELA 7  
 RESULTADOS DOS TESTES DE PROPORÇÕES  
 PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES ASSALARIADOS E POR CONTA PRÓPRIA  
 ENTRE OS 30% QUE GANHAM MENOS

Comparações	% Dos Trabalhadores					
	H (%)	M (%)	T (%)	Z Calculados		
				H	M	T
Total de Assalariados e Total por Conta Própria	22	34	26	1,5	1,35	0,33
Operários e Contas próprias sem estabelecimento	30	64	41	1,0	0,66	0,76

Fonte: vide tabela 1.

apoio ou serviços, 4% dos controladores na produção direta de bens e 3% dos demais controladores. A desagregação do segundo grupo (trabalhadores por conta própria) implica a observação de que nestes estratos se encontram 6% de *contas próprias com estabelecimento*, 46% de *contas próprias com ponto fixo* e 29% dos que não têm ponto (ou 36% dos *contas próprias sem estabelecimento*). Além desses ainda se concentram aí 60% dos *assalariados informais* e 85% do *serviço doméstico*.

Realizando-se os testes de hipóteses que vêm sendo efetuados entre as proporções de trabalhadores *assalariados* e *por conta própria* que compõem esse estrato de 30% que ganha menos, aceita-se a hipótese nula de que as proporções entre total de *assalariados* e *por conta própria* e entre *operários* e *contas próprias sem estabelecimento* não diferem significativamente nesses decis (ver tabela 7). Tal resultado indica que um trabalhador pode engrossar o conjunto dos 30% de indivíduos que auferem os menores níveis de renda no Município de São Paulo, independentemente de ser *assalariado* ou *por conta própria* e que outras variáveis estarão influenciando a participação do trabalhador nesse estrato de renda (idade, sexo, grau de qualificação, ramo de produção, tipo de firma, atividade etc.).

Contudo, quando se realizam outros testes — para cada uma das categorias analíticas — entre a proporção de trabalhadores em cada categoria que compõe o estrato de 30% que ganha menos e essa mesma proporção — 30% — observa-se que os grupos de trabalhadores que compõem o *serviço doméstico*, *assalariados informais*, *contas próprias com ponto fixo* e *operários* são os que proporcionalmente se concentram nesses decis (30%), enquanto os *assalariados em atividades de escritório* e em *serviços*, bem como os *por conta própria sem ponto* não apresentam proporções significantemente diferentes de 30%. Por outro lado, os *controladores fora da produção* e os *trabalhadores por conta própria com estabelecimento* apresentam-se com proporções significantemente menores às dos 30% dos indivíduos que recebem os menores níveis de renda (ver tabela 8).

Outro fato a ser ressaltado é que entre os 30% dos indivíduos que ganham menos, 43% se constituem de mulheres, e que, ainda, essas predominam em todas as categorias cujos trabalhadores se concentram nesse estrato. Ou seja, realizando-se testes entre as proporções de homens e mulheres *intra* categorias analíticas verificou-se que a predominância feminina é significativa entre *operários*, *contas próprias com ponto fixo*, *as-*

TABELA 8  
 RESULTADOS DOS TESTES DE PROPORÇÕES  
 PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES POR CATEGORIA ANALÍTICA  
 ENTRE OS 30% QUE GANHAM MENOS

Categorias	% dos Trabalhadores entre os 30% que Ganham Menos				
	(1)	(2)		(1)	(2)
	T (%)	H (%)	M (%)	Z Calculados	
Operário	41	30	64	3,3*	4,9*
Escritório	21	26	16	2,5	1,4
Serviços	27	20	41	0,9	3,4*
Controlador na Transformação Direta	4	5	*	*	
Controlador fora da Transformação Direta	3	2	6	*	0,8
Conta Própria com Estabelecimento	6	6	7	5,7*	0,1
Conta Própria com Ponto Fixo	46	15	62	2,6*	3,4*
Conta Própria sem Ponto Fixo	29	30	25	0,2	0,8
Assalariado Informal	60	65	55	4,6*	2,7*
Serviço Doméstico	85	*	86	9,2*	*
Total de Trabalhadores	30	23	43	*	7,1*

Obs.: (1) Comparação entre a proporção em cada categoria analítica e os 30% dos trabalhadores que ganham menos.

(2) Comparação entre homens e mulheres em cada categoria analítica.

Z\* Indicam que o resultado é significativo a 1%.

Fonte.: vide tabela 1.

salariados informais e serviço doméstico. Para as demais formas de participação na produção entre os sexos os resultados são indiferentes, exceto para os assalariados em serviços (ver tabela 8).

### Conclusões

O Setor Informal é apresentado neste estudo como um espaço econômico subordinado e intersticial ao movimento das formas de organização da produção capitalista, constituindo-se do conjunto de atividades que pode ser explorado por produtores diretos que possuem os meios e instrumentos para exercer o trabalho. Ou seja, é o espaço econômico ocupado por trabalhadores por conta própria. Propõe-se que este Setor seja analisado em função do processo de desenvolvimento capitalista encerrado numa dimensão espaço-temporal específica, tendo-se presente na análise que o mesmo é continua-

mente deslocado e recriado, flexível e permeável, moldando-se às condições gerais da economia, em especial a urbana.

Embora o Setor Informal possa estar absorvendo grande contingente de trabalhadores urbanos com baixa qualidade de força de trabalho e percebendo baixo nível de renda, isto não significa que tal quadro se mantenha ao longo do tempo e nem que a maior parte dos trabalhadores de baixa qualificação e com baixos rendimentos no meio urbano seja procedente deste Setor. Parcelas de trabalhadores em condições semelhantes devem estar distribuídas e absorvidas pela produção formal.

Elementos desta última proposição foram examinados empiricamente neste trabalho, com base em informações primárias para o Município de São Paulo de janeiro de 1980.

Em primeiro lugar, partiu-se da idéia de segmentação na produção e constituiu-se um conjunto de categorias analíticas que pretendem representar formas de participação dos indivíduos na produção.

Essas categorias analíticas (*proprietário e organizador da produção, controlador fora da produção, assalariado em escritório, assalariado em serviços ou apoio, controlador na produção de bens, operário, conta própria com estabelecimento, conta própria sem estabelecimento e com ponto fixo, conta própria sem estabelecimento e sem ponto, assalariado informal e serviço doméstico*) foram submetidas a testes estatísticos, a fim de se verificar se mantinham perfil coerente e se respondiam a associações com características individuais e com características tidas como ocorrências usuais no mercado de trabalho. Por exemplo, sabe-se que a um indivíduo que afigura baixo nível de renda estão associadas características tais como: sexo feminino, baixa escolaridade e menor idade. O teste de concordância de Kendall aplicado ao conjunto de categorias analíticas e às variáveis selecionadas para representar requisitos para exercê-la (sexo, idade, escolaridade), e níveis de renda, conduziu a resultados que indicam estarem as categorias supramencionadas associadas estatisticamente a características dos indivíduos e do mercado de trabalho. Isto ocorre à medida que as categorias analíticas são hierarquizadas por meio de postos atribuídos em ordem crescente aos seguintes indicadores: idade média e renda média mensal. E, em ordem decrescente aos indicadores que se seguem: proporção de mulheres, proporção de indivíduos com escolaridade precária, proporção de indivíduos semi ou não-qualificados, horas médias trabalhadas por dia, tempo de permanência no posto de trabalho ou atividade maior do que cinco anos. Estes resultados circunscritos às variáveis utilizadas permitem que a taxonomia utilizada por este estudo se agregue às taxonomias correntes na literatura sobre mercado de trabalho e utilizadas para descrever as formas pelas quais os indivíduos participam no mesmo.

Em segundo lugar, compuseram-se as categorias analíticas em dois grupos: total de trabalhadores *assalariados* e total de trabalhadores *por conta própria; operários e contas próprias sem estabelecimento*. Sobre esses grupos empreenderam-se comparações estatísticas em relações às variáveis supramencionadas.

Constatou-se por meio desse procedimento que, dissociando-se o Setor Informal da caracterização apriorística de baixa renda, associando-o ao trabalho autônomo e analisando-o em relação aos trabalhadores assalariados, os jovens, as mulheres, a desqualificação, a instabilidade, o número excessivo de horas diárias no trabalho e os baixos níveis de renda interpenetram em graus diferentes massas de trabalhadores, sejam eles assalariados ou autônomos. Atribuir, então, aos trabalhadores autônomos, pelo menos no Município de São Paulo, à luz da amostra utilizada, a característica de grupo de mais baixa remuneração no meio urbano é desconhecer os baixos salários pagos pelas firmas a grandes contingentes de trabalhadores assalariados, mormente operários.

Posteriormente, analisando-se a distribuição de ganhos mensais por decis e aplicando testes de hipótese entre todas as categorias analíticas que compõem os três primeiros decis, isto é, os 30% que percebem os menores níveis de renda no Município, constatou-se que:

- a. as proporções entre total de *assalariados* (21%) e *por conta própria* (25%) não diferem significativamente nesse estrato de renda, assim como não difere a proporção entre *operários* (41%) e *contas próprias sem estabelecimento* (36%);
- b. esse estrato concentra relativamente maior número de *operários, ajudantes de trabalhadores por conta própria, empregados domésticos* e entre os *contas próprias sem estabelecimento* concentra apenas aqueles que têm ponto fixo;

c. são nesses três primeiros decis de renda que se concentra relativamente grande número de mulheres: entre os 30% que ganham menos estão 43% das mulheres e 23% dos homens que trabalham, sendo que a predominância feminina é significativa entre os grupos de trabalhadores mencionados no item *b*.

A abordagem conceitual adotada e os resultados obtidos (embora não conclusivos para generalizações, pois, além dos dados constituírem-se em um instantâneo do Município de São Paulo, mereceriam tratamento estatístico adicional e a corroboração ou retificação de evidências empíricas procedentes de outros estudos) levam a não priorizar políticas de emprego e renda específicas para o Setor Informal. Essas devem ser concebidas de forma integrada, não só porque medidas de política econômica ressoam sobre o Informal, como determinadas medidas podem aumentar a qualidade de vida da po-

pulação independentemente da forma de participação na produção e diminuir níveis relativos de pobreza, por meio de aumentos da renda real, melhorando a rede de transporte e de comercialização de produtos básicos, os equipamentos de saúde, de difusão cultural, de educação, comunitários e a infra-estrutura físico-urbana em geral, além de difundirem-se em especial para contingentes de menor renda, as formas e possibilidades de acesso a esses serviços.

Por outro lado, torna-se difícil sustentar propostas de políticas de emprego e apoio ao Setor Informal quando a maior parte dos trabalhadores são assalariados e parte substancial detém condições de trabalho e níveis de renda precários — no caso do Município de São Paulo 44% recebem até três salários mínimos —, e quando se admite que as rendas do Setor Informal são condicionadas à distribuição de renda do Setor Formal.

### Referências Bibliográficas

- CACCIAMALI, M.C. Algumas considerações metodológicas para pesquisas de emprego e renda (apreensão do mercado de trabalho em espaços urbanos). *VIII Encontro Nacional de Economia*, BSB, 1980 a.
- *Segmentação na produção, mercado interno e setor informal*. IPE/FEA/USP, 1980b. (Trabalho para Discussão Interna, 16).
- *Políticas de emprego e renda: possibilidades para o Setor Informal*. São Paulo, IPE/FINEP, 1982a. (Relatório IPE/FINEP).
- *Relações de trabalho (situação no trabalho) no Município de São Paulo*. São Paulo, IPE/USP, 1982b. (Trabalho para Discussão Interna, 8).
- Família, trabalho, e níveis de renda. FIPE, 1983a. (mimeo).
- *Setor informal urbano e formas de participação na produção*. São Paulo, FIPE, 1983b.
- CAVALCANTI, C. A viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no Grande Recife. Recife, IJNPS, 1978.
- & DUARTE, R. O setor informal em Salvador: dimensões, natureza e significação. Recife, SUDENE, FUNDAJ/MTb, 1980a.
- A procura de espaço na economia urbana: o setor informal de Fortaleza. Recife, SUDENE/FUNDAJ/MTb, 1980b.
- DOWNIE, N.M. & WHEAT, R.W. Basic statistical methods. N.Y., Harper International Edition, 1974.
- MAZUDMAR, D. The Urban informal sector. *World Development*, 4 (8), 1976.

- MERRICK, T.W. Employment and earnings in the informal sector in Brazil: the case of Belo Horizonte. *The Journal of Developing Areas*, 10 (3), Apr. 1976.
- & BRITO, F.A. Migração, absorção de mão-de-obra, distribuição de renda. *Estudos Econômicos*, FIEP/USP, 1 (4) jan./maio. 1974.
- MOSER, C. Informal sector or petty commodity production: dualism or dependence in urban development. *World Development*, 6 (9/10), Oct. 1978.
- OIT. *Employment, income and equality: a strategy for increasing productive employment in Kenya*. Genebra, 1972.
- PRANDI, R. O trabalhador por conta própria. Tese de Doutorado, apresentada à FFCHL/USP, 1979, São Paulo.
- PREALC. *Setor informal: funcionamento y políticas*. Santiago, 1978.
- SIEGEL, S. *Estatísticas não-paramétricas para ciências sociais*. N.Y., McGraw-Hill, 1981.
- SOUZA, P.R. Salário e mão-de-obra excedente. Valor da força de trabalho e acumulação capitalista. *Estudos Cebrap*, 25, São Paulo, Brasiliense, 1979.
- TOKMAN, V.E. & SOUZA P.R. El sector informal urbano en America Latina. *Revista Internacional del Trabajo*, 94 (3), nov./dez. 1976.
- Distribución del ingreso, pobreza, empleo en areas urbanas. *El Trimestre Económico*, jan./abr. 1978.